

CLARA E O HOMEM NA JANELA: LEITURA LITERÁRIA E HUMANIZAÇÃO À LUZ DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto¹

Edson Rodrigo de Azevedo²

Letícia Kondo³

Resumo: O presente artigo busca evidenciar a relevância da linguagem literária e estética na formação do pequeno leitor, bem como ressaltar a potencialidade da cultura e, especificamente, da arte, como forma de humanização. Para tanto, partimos da obra *Clara e o homem na janela*, de autoria da escritora argentina María Teresa Andruetto, trazendo marcas de sua vida e obra em cotejo. Além disso, nosso projeto de dizer, aqui descrito, visa estabelecer diálogos entre os enunciados verbais e visuais da obra, por meio de uma análise produzida à luz de Mikhail Bakhtin (2000), estudioso russo da Filosofia da Linguagem.

Palavras-chave: Literatura infantil; María Teresa Andruetto; Formação do leitor.

Clara e o homem na janela: literary reading and humanization from the perspective of the Philosophy of Language

Abstract: This article aims to highlight the relevance of literary and aesthetic language in the formation of young readers, as well as it aims to highlight the potential of culture and, specifically, of art, as a form of humanization. Therefore, we have started from the book *Clara e o homem na janela* wrote by the Argentine writer María Teresa Andruetto, we aimed to bring marks of her life and work in comparison. In addition, our project of saying, described here, aims to establish dialogues between the verbal and visual statements of the book, through an analysis produced in the perspective of Russian of the Philosophy of Language.

Keywords: Children's literature; María Teresa Andruetto; Reader training.

¹ Universidade Estadual Paulista/Campus de Marília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0620-4613>. E-mail: cynthia.giroto@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista/Campus de Marília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4532-4186>. E-mail: er.azevedo@unesp.br

³ Universidade Estadual Paulista/Campus de Marília Orcid: E-mail: leticiaakondo_k@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Se quisermos compreender a cultura de determinado povo dentro de uma linha histórica, basta examinar o que foi produzido e publicado. Os livros carregam elementos reveladores da cultura de seu tempo, eles indicam os valores pregados e a maneira como os propagamos: “Podemos mesmo afirmar que os livros não existem para contar histórias, mas para contar cultura, as histórias sendo apenas o meio de que a cultura se utiliza para viajar” (COLASANTI, 2012, p.48).

Ainda que não tenhamos total consciência desse processo, somos sujeitos responsáveis por movimentar o mundo. Cada palavra, imagem, gesto, omissão e ação nos fazem caminhar, isto é, afetamos e somos afetados pelas relações estabelecidas. Deste modo, as diversas manifestações de arte configuram nossa visão acerca dos acontecimentos, elas são reproduções de ideologias, anseios e medos, não podendo, de forma alguma, se desprender do social: “O mundo não está de um lado e a arte, de outro. Tudo está junto, porque estamos imersos no social. Toda consciência é consciência de mundo” (ANDRUETTO, 2012, p. 121).

Ao nos dedicarmos a compreender as formas de cultura do nosso tempo, podemos nos surpreender com a grande quantidade de livros identificados como “autoajuda” no mercado. Qual seria o sintoma de nossa sociedade que tanto anseia por palavras-guia? Por que temos buscado livros que mais se apresentam como receituários para uma vida repleta de acumulações? Tais questões têm permeado os estudos e pesquisas dos integrantes do centro e grupo de pesquisa dos quais fazemos parte, expressando inclusive parte das problematizações de algumas dissertações e teses deles derivados.

Defender a cultura humana e os livros literários de boa qualidade estética e literária, aqueles capazes de ampliar horizontes e provocar no leitor o desejo por perguntas – pelo desconhecido – ao invés de respostas prontas, tem sido nossa preocupação. Explorar com os pequenos, inclusive com os bem pequeninhos, obras de literatura repletas de metáforas para as grandes questões da vida tem nos movido aos estudos acerca da linguagem visual e verbal.

Assim, cativados pelos enunciados presentes na obra literária infantil *Clara e o homem na janela*, escrita por María Teresa Andruetto, e provocados pela

oportunidade de promover experiências de humanização, buscamos com este texto (1) refletir sobre a importância da leitura do livro ilustrado, como bem cultural, na formação da criança; (2) dialogar com os enunciados verbais e visuais que compõem o projeto de dizer da autora e ilustradora do livro; e (3) estabelecer conexões entre a obra e algumas categorias da Filosofia da Linguagem propagadas pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin.

Esperamos que, assim como nós, vocês possam durante o decorrer do texto ter um frutífero encontro com Clara e o homem na janela.

PARA INICIAR: AS EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS PARA A CONSTITUIÇÃO DOS LEITORES

As narrativas começam a fazer parte da nossa vida mesmo antes de nossa saída do ventre materno. A história por trás de nossos nomes é uma das primeiras narrativas a nos constituir e, a partir de então, ouvimos inúmeras outras até o momento em que nos tornamos capazes de verbalizar as nossas próprias versões, dar início ao nosso projeto de dizer.

Contar histórias tem sido desde os primórdios de nossa espécie uma forma de sobrevivência; em muitas culturas a proferição é ainda um ritual extremamente valorizado:

Entre algumas comunidades africanas, quando um narrador chega ao final de uma história, põe a palma da mão no chão e diz: aqui deixo minha história para que outro a leve. Cada final é um começo, uma história que nasce outra vez, um novo livro (ANDRUETTO, 2012, p.15)

Não seria esse inconcluso ciclo de recomeços um dos aspectos do mais profundamente humano? Não seriam as palavras fontes que nos regam e nos inundam do prazer do (auto)conhecimento? Sem as narrativas – sem a linguagem – somos incapazes de estabelecer trocas entre sujeitos e, portanto, permanecemos estagnados, sem qualquer possibilidade de movimentar o mundo:

Assim se abraçam quem fala e quem escuta, num jogo que sempre recomeça e que tem como princípio condutor o desejo de nos encontrarmos algumas vezes completos nas palavras que lemos ou escrevemos, encontrar isso que somos e que, com palavras, é construído. (ANDRUETTO, 2012, p.15)

Os enunciados acima dialogam com a categoria “exotopia”, presente nos estudos do filósofo russo da linguagem Bakhtin, na qual cada sujeito – em sua absoluta individualidade – olha para o Outro a fim de lhe trazer alguma completude. Isto é, não conseguimos nos ver por inteiro; assim, necessitamos do olhar de fora – olhar do Outro – capaz de nos trazer informações novas acerca de nós mesmos. É sempre o Outro que revela minhas ausências. É preciso, pois, abraçar esse que me confessa quem sou.

Por consequência, eu sou também o Outro na vida de alguém. Sou aquele responsável por olhá-lo de fora e lhe trazer certa completude. Estamos em constante troca de papéis; o diálogo permite que o abraço entre sujeitos – referido por Andruetto no excerto acima – seja capaz de trazer renovação a nossas vidas: estar em constante alteridade para não adoecermos.

As narrativas escritas são possibilidades de nos relacionarmos com os diversos Outros cujo cronotopo – espaço/tempo – não nos permite abraçar fisicamente. As palavras deixadas por eles nos livros são nossa esperança de completude: ao terem olhado para o mundo a partir de determinado ponto e dado significação ao que foi visto por meio das palavras, somos convidados a um grande diálogo junto ao autor. Nossos olhares se cruzam e se despedem; desta forma, saímos dessa vivência com algo transformado. Terminamos a leitura e já não somos mais os mesmos de antes.

Ao sermos inseridos no mundo da leitura, nos é possibilitado abrir os olhos às diferentes culturas, olhar para o Outro e nos tornar mais humanos a partir da troca estabelecida. Deste modo, ofertar livros de boa qualidade estética e literária às crianças é fundamental ao processo de humanização; Giroto e Souza (2010, p.48) afirmam que “(...) é por meio da inserção na linguagem escrita – concebida como um bem da cultura humana a ser apropriado pelo homem em seu processo de humanização – que as crianças melhor aprendem e se desenvolvem”.

Negar o direito das crianças ao acesso a bons livros literários – aqueles constituídos por visões de mundo, metáforas para grandes questões da vida e com enunciados visuais de boa qualidade estética – é impedir que os pequenos entrem em contato com a cultura humana produzida, deixando de enriquecer “[...] seu modo de perceber e estar no mundo, formando e desenvolvendo suas formas de pensar e se expressar” (LIMA; AKURI, 2017, p.117).

Afinal, como bem defendemos e militamos junto ao CEPLLI, o texto literário “[...] desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos

torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180). A literatura ajuda-nos a compreender melhor o outro. Tem com ele uma relação de alteridade e amorização (GERALDI, 2016). Nestes termos, é “[...] fator indispensável de humanização, e sendo assim, confirma o homem na sua humanidade[...].” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Há de se ter cautela, portanto, com a escolha dos títulos, pois muitos são os livros cujo projeto de dizer reduz-se à tentativa de domesticar seus leitores. Tais obras estão repletas de lições sobre bom comportamento e, sobretudo, buscam infundir certezas, deixando que se perca todo processo de experiências únicas entre leitor e narrativa: não há mais possibilidade de trocas dialógicas; o livro se torna um reprodutor da voz monológica reducionista.

Os livros de boa qualidade literária exigem ousadia de seus leitores; estes “(...) tomam a palavra escrita e constroem significados baseados em seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências” (GIROTTO; SOUZA, 2010, p.45). Assim, considerando os livros ilustrados nos quais a leitura significativa resulta da boa relação entre os enunciados visuais e verbais, é necessário que todo seu projeto gráfico seja – igualmente – idealizado com a intenção de expandir significados aos leitores, distanciando-se, portanto, das ilustrações estereotipadas. Acerca disso, Oliveira (2008, p.43) denuncia: “Toda dominação econômica – e o nosso país vem sofrendo constantemente esse processo- é precedida de uma dominação cultural, muitas vezes expressa e até defendida em imagens e textos de nossos livros”.

Somos, muitas vezes, reféns de dominações culturais impositivas. Encharcados por processos de branqueamento dos povos bem como a ausência de culturas historicamente invisibilizadas, grande parte de nossa infância é marcada pela presença de imagens reducionistas – tentativas de domesticação do olhar ao que é belo e agradável – a compor nosso psiquismo. Assim, quando não expandimos horizontes e não ofertamos aos pequenos linguagens visuais capazes de quebrar com tais paradigmas, colaboramos para que este ciclo carregado de exclusão se perpetue.

Retomando Oliveira (2008), o autor nos alerta sobre a importância de criar memórias visuais em nosso psiquismo; para tanto, ele destaca o papel fundamental do ilustrador quanto à forma de expressar seu projeto de dizer: os enunciados visuais dos livros ilustrados precisam colaborar com a formação de

indivíduos responsáveis no desenvolvimento de uma cultura mais humana e igualitária. Nas palavras do autor:

A imagem de um livro no psiquismo de uma criança pode se estender por toda a vida adulta. Um indispensável vestígio em nossa memória. A imagem é muito mais pregnante do que qualquer palavra. Portanto, diante desse quadro, os ilustradores e os projetistas gráficos têm uma grande responsabilidade: criar não apenas a memória e o passado visual de seus leitores, mas acima de tudo formar e educar o olhar. (OLIVEIRA, 2008, p.45)

Compreendendo, portanto, o potencial dos livros ilustrados para a formação dos pequenos leitores e da cultura humana, propomos a seguir um diálogo com a obra literária *Clara e o homem na janela*, de Maria Teresa Andruetto, buscando estabelecer relações entre os enunciados verbais e visuais que compõem a obra e poesia da escritora argentina.

CLARA E O HOMEM NA JANELA: DIÁLOGOS INICIAIS SOBRE A AUTORA E OBRA

María Teresa Andruetto é uma escritora argentina, residente de Córdoba, com uma ampla contribuição na literatura. Suas publicações vão desde poemas, romances e dramas, até livros infantis – estes foram reconhecidos pela "contribuição duradoura para a literatura infantil", no ano de 2012, na premiação Hans Christian Andersen.

Andruetto conserva um íntimo laço de amizade com a escritora de literatura infantil Marina Colasanti⁴. Esta já traduziu obras de María e escreveu o prefácio de seu livro intitulado *Por uma literatura sem adjetivos*. A partir dos enunciados afetuosos de Marina dirigidos a Andruetto – o olhar do Outro que nos possibilita completude – na obra mencionada, somos convidados a conhecer com profundidade detalhes acerca da escritora Argentina engajada há mais de trinta

⁴ Marina Colasanti, nascida em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia, é uma premiada escritora brasileira, vencedora de vários prêmios Jabutis, dentre outros. É autora de mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens e ensaios sobre os temas literatura, dentre outras tantas obras.

anos na formação de professores de seu país e nos estudos sobre as questões de gênero.

Deste modo, pegamos emprestadas as generosas e poéticas palavras de Marina Colasanti para trazer a vocês um pouco da potência narrativa de Andruetto, antes de nos aprofundarmos nos enunciados verbais e visuais presentes na obra *Clara e o homem na janela*. Com a palavra, Marina Colasanti (2012):

A escritora María Teresa Andruetto nasceu antes de sua voz narrante. Nasceu das histórias contadas pelo pai, *partisan* piemontês emigrado depois da Segunda Guerra, e do mundo diferente que essas histórias lhe traziam. Nasceu de seu olhar de criança pousado com a mesma intensidade sobre os grandes espaços do campo e sobre os pequenos espaços individuais. Nasceu das interrogações que sua timidez mantinha caladas. Nunca as coisas tiveram para María Teresa uma resposta única. E é em busca de respostas ocultas, do que não conhece, que ela escreve.

A obra de Andruetto *Clara e o homem na janela*, que aqui analisaremos, foi publicada no Brasil em 2020 pela editora Ameli, uma pequena editora paulista que, nos últimos anos, tem trazido publicações nacionais e internacionais inéditas no cenário editorial brasileiro. Com ilustrações da artista argentina Martina Trach, o livro é um convite para percorrermos os tantos caminhos e travessias outras que a obra carrega em suas páginas. Ao abirmos o livro, iniciamos um percurso-aconchego na vida de uma menina, Clara, e sua mãe: uma mulher lavadeira de roupas. Aos poucos, vamos nos achegando numa vila marcada pela simplicidade e pela riqueza de tantas experiências que se inauguram a partir de um pedido: a mãe pede para a menina entregar uma cesta de roupas ao senhor que morava em uma casa grande.

O pedido da mãe é acompanhado por várias orientações à menina e ela, com a cesta de roupas e seus sapatos vermelhos, como se estivesse rememorando a narrativa clássica da menina do capuz vermelho que vai ao encontro de sua avó, vai percorrendo seu caminho entre flores, pássaros, mas também um caminho repleto de expectativas.

Chegando na casa do homem que vivia trancado, Clara, ao notar que está sendo espiada pelo homem na janela, não hesita e pergunta: “por que você vive aí trancado?” A pergunta de Clara inaugura os diálogos entre ela e o homem que vivia na escuridão dos seus dias solitários entre paredes e livros. A partir daí, os

dois começam a viver uma relação repleta de amizade e de visitas constantes. As visitas de Clara ao homem na janela passam a ser adornadas pelos livros e suas tantas narrativas: as das histórias presentes nas páginas desses objetos de cultura, mas também dos eventos de vida que iam se abrindo nas conversas entre os dois.

Aos poucos, a luz de Clara vai clareando os dias escuros do homem. Assim, a cada diálogo entre a menina e o senhor da casa grande, a narrativa vai se desdobrando nas histórias e vozes outras que compõem os enunciados visuais e verbais da obra de Andruetto que, a seguir, serão analisados.

UM COTEJO DOS ENUNCIADOS VERBAIS E VISUAIS NA OBRA *CLARA E O HOMEM NA JANELA*

Os enunciados que inauguram o projeto de dizer de Andruetto logo nas primeiras páginas da narrativa, já nos convidam a adentrar na poesia dos versos que se desdobram a cada cenário presente na obra: “Esta é a história de minha mãe e do seu amigo Juan, e de como ela descobriu os livros, e ele, a luz do dia” (ANDRUETTO, 2020). Aqui, a poetisa-escritora abre-nos as janelas da sua vida, as janelas vividas pela sua mãe e seu amigo Juan, bem como as descobertas e eventos-vida que compõem a história e que também podem ser vistos nas marcas do projeto gráfico do livro.

Figura 1- Capa do livro *Clara e o homem na janela*



Fonte: Andruetto, 2020

A figura 01 apresenta-nos um dos cenários da obra: a menina Clara que vai ao encontro do homem na janela, um caminho repleto de descobertas e vivências. No entanto, para além destes enunciados visuais da capa do livro, olharemos para uma faixa gráfica à esquerda da imagem: uma estampa diferente abraça a capa do livro e, a partir das imagens seguintes, ampliaremos nossos diálogos.

Figura 2 - Guardas do livro *Clara e o homem na janela*



Fonte: Andruetto, 2020

A mesma imagem que estampa a faixa presente na capa do livro, está presente na guarda e, na perspectiva do livro e de sua composição como projeto gráfico, podemos dizer que a presença deste elemento integra os enunciados visuais e traduzem os versos da escritora: a cada virada de página, Andruetto está descortinando as vivências da menina Clara e do homem na janela. A presença da mesma estampa (tanto na capa, quanto na guarda) evidenciam a poesia de Andruetto, que nos pega pela mão e nos faz entrar no seu projeto de dizer e nas tantas camadas da narrativa, bem como nos traços poéticos de Marina Trach, ilustradora e designer gráfico argentina, premiada pelas ilustrações presentes na obra aqui analisada. Esse descortinar do qual falamos anteriormente se materializa ainda de forma mais evidente em uma das ilustrações do livro, como pode ser visto na imagem 03:

Figura 3- Página do livro *Clara e o homem na janela*

Fonte: Andruetto, 2020

No enunciado visual acima, é possível ver que o homem abre as cortinas da janela para ver a menina e, ao olharmos para a estampa da cortina, encontraremos as mesmas marcas gráficas presentes na capa e na guarda do livro. Essa repetição não acontece por acaso: a composição das imagens e dos elementos encontrados nas páginas do livro até aqui apresentadas, tece o projeto de dizer da autora e vai nos levando cada vez mais perto da narrativa que vai se abrindo aos nossos olhos: é um convite a cada página para nos aproximarmos da obra tão cheia de vida.

Essa composição remete-nos aos estudos do filósofo russo Bakhtin e dos estudos que versam sobre a Filosofia da Linguagem. No livro *Estética da criação verbal*, o autor afirma que:

Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia (Bakhtin, 2000, p. 375)

Na obra da escritora argentina Andruetto, notamos esse diálogo de enunciados-fios costurando a narrativa e que, neste sentido, também corroboram o projeto de dizer de Valdemir Miotello, uma das grandes referências nos estudos bakhtinianos:

Qualquer palavra, qualquer texto, qualquer enunciado, só têm vida na relação com o outro enunciado, com outra palavra, com outro texto. Apenas quando eles se tocam é que explode a sua vida. Esse contato entre textos na verdade é um contato entre sujeitos falantes e expressivos. Não é apenas um contato mecânico de palavras e textos, mas um contato vital, existencial, vivencial entre pessoas que falam, que alternam atividades com textos, enunciando pontos de vista, valores, posições. (MIOTELLO, 2013, p. 8)

A obra *Clara e o homem na janela* retrata de forma muito poética essa explosão de vida narrada por Miotello: os enunciados visuais e verbais que se tocam e tocam os interlocutores, seres expressivos e falantes, são manifestações concretas da vida, raiz dos enunciados.

Ainda na perspectiva dialógica e na análise dos enunciados à luz da Filosofia da linguagem, retomamos a obra de Andruetto nas páginas que seguem:

Figura 4 - Página do livro *Clara e o homem na janela*



Fonte: Andruetto, 2020

Figura 5 - Página do livro *Clara e o homem na janela*

Fonte: Andruetto, 2020

Podemos ver nos enunciados visuais 4 e 5 a presença de silhuetas da personagem Clara. Em outros enunciados, também é possível observar traços contendo superposição de imagens com transparência: imagens diáfanas da mãe da menina. As marcas nas páginas saltam aos nossos olhos como marcas de uma vida a ser traçada pela menina, sua mãe e os diálogos com o homem, bem como as vivências ao longo da narrativa. Assim, na busca de um diálogo com estudos de Bakhtin, a presença de tais enunciados leva-nos a um dos conceitos bakhtinianos: a memória.

Divide-se em duas noções extremamente relacionadas: memória de futuro e memória de passado. Memória de passado: pode-se definir como solo comum que uma comunidade linguística compartilha. São as experiências, enunciados, discursos e valores que nos constituem. A história da qual somos filhos é memória de passado. Memória de futuro: pode-se definir como projeção. Não se deve reduzir a memória de futuro a uma relação temporal, mas a ideia de que o sujeito está incompleto, ou seja, não foi concluído, pois sua história está acontecendo, vai se construindo a partir de suas movimentações [...] Bakhtin, ao falar de memória, explica que ela é sempre do passado e de futuro, pois andam sempre juntas, são complementares. Ao enunciar, resgatam-se os valores já estabelecidos, mas ao invocar os valores ou significações, concomitantemente, reinventa-se o sentido, pois o indivíduo contribui com o tom, a expressão e o desejo do seu projeto discursivo. A memória de passado é o que se pode chamar de atual,

contemporânea; já a memória de futuro é utópica, isto é, ainda sem lugar, não concretizada. A primeira tem a ver com a estética, com a constituição do indivíduo. A segunda, com a moral, revisão e reapresentação de valores. [...] Cada momento que vivo é conclusivo, e ao mesmo tempo inicial de uma nova vida. (Grupo de estudos dos gêneros do discurso, 2019, p. 72-73)

Os conceitos de memória de passado e de futuro, ancorados nos estudos da Filosofia da Linguagem, dialogam com a obra *Clara e o homem na janela* à medida em que a vida de Andruetto, sua mãe e seu amigo Juan, se entrelaçam na narrativa literária e, assim, se desdobram nos enunciados presentes no livro. A menina, ao encontrar com o homem e, no bojo da sua infância, ir se aproximando desse personagem que a olhava da janela, revela descobertas que ambos fazem: os personagens trocam suas histórias de vida, comungam de experiências com os livros encharcados de vozes outras e vão (re)significando suas memórias de passado e de futuro ao longo das páginas do livro.

Dentre tais memórias e diálogos entre a menina e o homem, encontramos um que, além de se aproximar das experiências de memória vividas entre os personagens, dialoga com uma das categorias filosóficas de base desenvolvidas por Bakhtin: a exotopia. Contudo, antes de nos aproximarmos desse conceito já citado neste artigo, trazemos um diálogo presente na obra, conforme a imagem seguinte:

Figura 6 - Página do livro *Clara e o homem na janela*



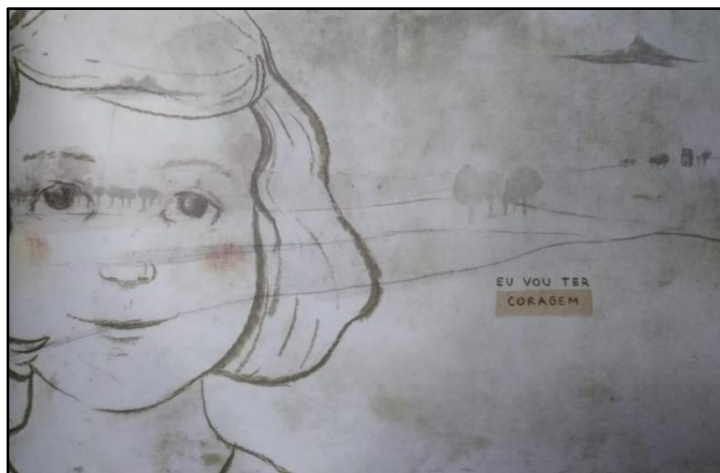
Fonte: Andruetto, 2020

(Legenda: - Você sempre viveu aqui dentro? - Sempre não.)

O diálogo entre a menina Clara e o homem continua: “Quando eu era jovem, tinha um amor, um rapaz que cuidava do meu jardim.... Às vezes, íamos juntos até o córrego. Nesses momentos, eu não tinha medo da luz... Mas ele se foi e eu não tive coragem de ir com ele” (ANDRUETTO, 2020). É neste trecho que estabelecemos diálogo com o conceito de exotopia, partindo também dos estudos do *Grupo de estudos dos gêneros do discurso*, em que os autores, apoiados em Bakhtin, afirmam que,

Diante do outro, estou fora dele. Não posso viver a vida dele. Da mesma forma que ele não pode viver a minha vida. Mesmo para compreender o outro, vou até ele, mas volto ao meu lugar. Apenas do meu lugar, único, singular, ocupado apenas por mim, é que posso compreender o outro e estabelecer com ele uma interação [...] A exotopia é a minha possibilidade de responder. E também é a minha obrigação de assumir minha responsabilidade. Ser responsivo e responsável são decorrências de minha extralocalização em relação ao Outro. O que penso não é uma cópia do pensamento do outro e vice-versa. É antes uma busca da completude. O meu pensar na relação com o pensar do outro, fora de mim. (Grupo de estudos dos gêneros do discurso, 2019, p. 46-47)

No diálogo entre os personagens presente nas páginas finais do livro, a menina Clara busca compreender o porquê do homem ficar trancado naquela casa na companhia apenas dos seus livros. As indagações da menina bem como o fato de as cores do enunciado visual estarem fortes e vivas apenas na imagem dela, evidenciam a singularidade e a boniteza das trocas que ela promove e que se alargam na página seguinte a partir da indagação: “O que quer dizer coragem?”, pergunta a menina. - Coragem é a força de viver do jeito que uma pessoa quer, por aquilo em que acredita...” (ANDRUETTO, 2020). A resposta do homem, desperta na menina um desejo destacado na página: “Eu vou ter coragem.” Este ato único, singular e irrepitível assumido por Clara, essa palavra-prenhe (coragem) pode ser vista na imagem a seguir, em que a menina aparece de forma translúcida, um projeto de dizer que é construído a partir de suas vivências.

Figura 07 - Página do livro *Clara e o homem na janela*

Fonte: Andruetto, 2020

Após as narrativas vividas pelos personagens em suas trocas e diálogos, a obra traz, em suas páginas finais, um desfecho encharcado de humanização. A menina, ao ir embora para a sua casa, esquece um dos livros que ganhou do homem, e, ao perceber o esquecimento, o homem, em um ato humano de coragem, sai da casa depois de muitos anos trancado entre paredes e livros. A imagem-vivência, como algo que é insubstituível, como uma experiência própria e singular, se materializa nos enunciados e o livro explode em vida como podemos contemplar na imagem 08.

Figura 08 - Página do livro *Clara e o homem na janela*

Fonte: Andruetto, 2020

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção dos enunciados escritos neste artigo, buscamos evidenciar e compreender a importância da leitura do livro ilustrado na formação da criança, dialogando com vozes-outras que, nos últimos anos, têm constituído nossos percursos acadêmicos. Ademais, reiteramos a importância da qualidade literária e estética nas obras ofertadas na formação do leitor, abarcando ainda as potencialidades da cultura e da arte na formação humana da criança.

Em continuidade, fomos nos aproximando da vida e obra da escritora argentina María Teresa Andruetto, mais especificamente no livro *Clara e o homem na jancla*. Nesta aproximação, foi possível observar que, logo nos primeiros enunciados da narrativa, Andruetto nos convida a adentrar nas histórias que a constituem, sobretudo quando sinaliza logo nas primeiras páginas que o livro narra a história de sua mãe, seu amigo e suas descobertas.

Ancorados na obra da autora e, a partir da análise dos enunciados visuais e escritos que a compõem, tivemos o propósito de estabelecermos diálogos com alguns conceitos bakhtinianos, como memória e exotopia. Assim, vimos que a narrativa de Andruetto apresenta-nos, por meio de sua linguagem estético-literária e das marcas gráficas presentes nas páginas do seu projeto de dizer, situações humanas que estabelecem diálogos muito próximos com os estudos da Filosofia da Linguagem.

Por fim, ressaltamos a beleza da arte e da linguagem literária, presente na obra da escritora argentina, promovendo espaços-lugares para a singularidade, onde as trocas entre narrativa e o leitor presumido, no caso, o pequeno leitor em formação, se realizam de maneira ímpar e irrepetível, dialogando assim com o processo de humanização por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Carmen Cacciaccaro (trad.). São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.



COLASANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.

GEGe/ UFSCAR - Grupo de estudos dos gêneros do discurso. **Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GERALDI, J. W. (2016). Os perigos do amor. **RevistAleph**, (25), 2016. <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i25.39124>

GIROTTTO, Cintya. Graziela G. S.; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de Leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. de. (Org) [et al]. **Ler e Compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, capítulo II.

LIMA, Elieuzza Aparecida de; AKURI, Juliana Guimarães Marcelino. Um currículo em defesa da plenitude da formação humana. In: **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores**. Sinara Almeida da Costa, Suely Amaral Mello (organizadoras). - 1.ed. - Curitiba, PR: CRV, 2017.

MIOTELLO, Valdemir. **Um ser expressivo e falante: refletindo com Bakhtin e construindo uma leitura de vozes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Recebido em 31/01/2023

Aprovado em 10/04/2023